



O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

1 de Outubro de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1893
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

As periferias da sociedade revelam-nos dramas pungentes, escondidos e incapazes de pedir auxílio oficial. Não só porque ele nunca é imediato mas, também, por poder conduzir a sofrimentos indizíveis.

Tenho de estar atento, tanto mais quanto outros vivem distraídos.

Se os responsáveis das comunidades Cristãs abrissem os olhos para as recomendações e avisos do Senhor, nos Evangelhos e nas Cartas Apostólicas, ser-me-ia mais fácil o discernimento.

A História, mesmo a mais recente, isto é, da nossa vida, torna-nos claro este desgosto do Senhor: «Têm olhos para ver e não vêem e ouvidos para ouvir e não ouvem».

Tanto vale o Papa falar, e ousadamente exibir o seu testemunho, como fazer discursos teóricos, sem tocar na vida real e na sua evangelização.

Eu fico a tremer pensando se será assim que a vontade de Deus se manifesta em querer salvar todos os homens.

Num carrito velho, com motor a fungar tremores por todos os ruídos, esperaram por mim mais de três horas, entrando pela noite dentro.

Já a porta da cozinha estava fechada e os rapazes começavam a entrar no primeiro sono, cada qual no seu quarto e casa, tendo eu chegado tarde, comia um caldo de arroz com sardinha na sala das senhoras, acompanhado do Milton que se deliciava também com prato cheio de massa, com chouriço e salsichas.

Oiço vagidos dolorosos de bebés e um bater à porta. — *Vai ver quem é* —, disse ao meu companheiro.

— *São umas senhoras com crianças.*

Assustado, parei de comer. Àquela hora, mulheres com crianças, cheira-me a tragédia!

Mandei-as entrar e perguntei o que me queriam.

— *Falar consigo.*

O caldo que eu tanto aprecio, começou a repugnar-me.

— *Mas porquê de noite?*

— *Estamos aqui desde as 7h00 da tarde, mas o senhor não estava —, queixaram-se.*

Sim, eu saí, fui à Arrábida e cheguei muito tarde.

— *Mas coma, coma primeiro.*

Apercebi-me que a companhia do Milton era um estorvo para os seus desabafos.

Rapidamente me aprontei e as recebi sozinhas no escritório.

Os dois bebés ocupavam cada um o seu (ovo?) e uma menina de 12 anos acompanhava-as.

As mulheres viviam na mesma casa e trabalhavam juntas, uma como patroa e a outra como empregada dela.

O bebé mais novo, de dois meses, pertencia à patroa; o outro, de quatro, era filho da empregada que vivia num quarto alugado na casa da sua senhora.

Como a primeira já não tinha leite, os dois bebés eram alimentados aos peitos da segunda.

O marido da primeira, que tem o vício do jogo, tirou-lhe todo o dinheiro e, como ela reagiu, deu-lhe uma grande tarefa. Real

Continua na página 3



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTÁ a decorrer, há semanas, o encontro das delegações do governo e do opositor. De um lado as exigências. Do outro as negações são contínuas e teimosas. De parte a parte gente importante, mas para nós, incultos da política, é teimosia demais, espera desesperada. Uma coisa bastava para fazer andar o assunto: parar a guerra. Mas que fazer agora de tanta maquinaria de guerra, onde arrumá-la e para onde levar tantos soldados? E não se pode chamar destroços de guerra ao que foi comprado há pouco tempo e só despejou morteiros para a Gorongosa. Há notícias de que uma comissão vai a caminho, falar com o opositor. Quem dera que o encontre de coração aberto e de braços caídos, à espera. As notícias que vamos sabendo, são de que não se deu um passo. Voltaram a reunir-se e já passou uma semana e nada transpira para fora. Dizia-me um rapaz, que tem na Beira importantes negócios de camiões, que não há guerra nenhuma. O que há, são negócios. Os soldados que vão a proteger as caravanas, cobram um tanto por cada e não são poucos. Durante o dia formam-se muitas filas. De noite têm medo de andar, e quem se arrisca sozinho, é surpreendido porque são atacados. Os do outro lado, ficaram com as machambas destruídas e precisam de comida. É tudo um negócio.

Os antigos combatentes pediram armas ao Governo, para arrumar o assunto. Os antigos generais não querem. Dizem que é melhor ficar assim. Certamente porque têm algum interesse nisso. E eles são muitos. Alguns membros do partido no poder, não estão interessados e seriam os únicos a empurrar o Governo para uma decisão. O Presidente vê-se que está manietado. Certamente. Por uma palavra ou outra, percebe-se bem. A sociedade civil tem-se manifestado livremente, sem a dispersão feita pela polícia, como já tantas vezes aconteceu. Entretanto, vão-se dando ajudas ao Povo, mais pelas ONG's, como furos de água, escolas melhoradas e casas mais seguras. O governo encolhe-se com a seca. Tudo assim explica o não fazer nada, mas aqui, nem cheiro de ajuda. Se não fossemos nós, com ajuda da APARF, já teria morrido muita gente. São mais de duzentas famílias que daqui levam alguma alimentação, mensalmente. Mas há quem ande a apanhar folhas de cacana, que é muito rica, e faça com cinza a sua refeição à noite. Uma por dia. É tudo tão confuso que só se explica dum modo: guerra é um grande negócio. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Do matrimónio de Ramiro e Teresa

Oh, que grande sacramento não é o Matrimónio — na Igreja.

Padre Américo

PROCURAR investigar seriamente e dar a conhecer Américo Monteiro de Aguiar (AMA), Padre — Pai Américo, em corpo inteiro e verdadeiro, nas suas múltiplas facetas, tem sido uma tarefa continuada e inadiável, com diversos contributos, porque basilar como exemplo vocacional e testemunhal, de amor a Jesus Cristo, à Igreja e aos pobres, no século XX, em Portugal, e até para a sua glorificação canónica. Neste projecto, já com seis décadas, logo (melhor, antes) desde o seu passamento, os documentos autênticos são a matriz imprescindível para uma construção segura. Há que ir às fontes, donde jorra

água pura e cristalina. Com que esforço e carinho se tem trabalhado (e colecionado) o jornal O GAIATO ao longo de sete décadas, impresso na nossa tipografia! Sobre a vida do servo de Deus Padre Américo, cheia de espiritualidade cristã, D. Eurico Nogueira, então Promotor da Justiça na Diocese de Coimbra, em 23 de Julho de 1956, no sétimo dia da sua morte, afirmou lucidamente: *é certo que se ele, depois de quarenta anos de vida agitada e dissipada, conseguiu ser um homem bom, foi porque era sacerdote e era santo.*

Tais pais, tal filho. E foram eles, de nomes, Ramiro Monteiro de Aguiar e Teresa Ferreira Rodrigues, que contraíram Matrimónio na Igreja Paroquial do Salvador de Paço de Sousa, do antigo Mosteiro Beneditino, torrão onde nasceu sua mãezinha, da Casa

de Antelagar. Nesta linha de *devoção, hic et nunc*, é pertinente apresentar neste anais de precioso arquivo, qual herança eclesial e espiritual, o assento desse Matrimónio católico (N.º 13, de 1873) que, sendo do Arquivo da Paróquia, foi consultado na Conservatória do Registo Civil de Penafiel há três décadas e divulgado; e, entretanto, recolhido no Arquivo Distrital do Porto.

Ora eis, como memória viva e grata, a transcrição deste importante assento de Matrimónio:

Aos vinte e trez dias do mez de Outubro do anno de mil oitocentos setenta e trez n'esta freguezia de Paço de Souza, Concelho de Penafiel, Diocese do Porto, na Igreja Parochial perante mim Antonio Augusto de

Continua na página 3

SINAIS

Padre Telmo

DESCI mesmo em frente da Capela que foi espigueiro.

Entrei.

As frestas para entrar aragem que secava o milho, são, hoje, linhas de luz.

Luz que está dentro e irradia.

Luz que a par do sentido artístico de Padre Baptista fez nascer pavilhões para incuráveis e lá, ao fundo da quinta, casas e espaços para rapazes.

Aqui estive oito meses.

Esta luz me inebriou.

O senhor doutor Abel está dando grande parte do seu tempo ao Calvário.

Calmamente, atento, dedicado — os rapazes e doentes adoram-no.

Depois de tomarmos o nosso café na secção dos rapazes, vamos no seu carro ajudar nas refeições na secção dos doentes.

No meio da manhã aparece sempre o Júlio para um cafezinho.

É a gota de azeite quando na lâmpada esmorece a luz... obrigados.

Também nos sábados e Domingos os Senhores voluntários e Senhoras nos dão ânimo com seus gestos, sorrisos e lições de dedicação.

Quando todos nos debruçamos sobre o impotente — nasce um fluxo maravilhoso.

CONHECI a Alice em 1963.

Tinha dado o meu sim à Obra da Rua e assisti à Festa no Coliseu do Porto.

Um dos números da Festa foi a apresentação da Alice pelo Senhor Padre Baptista ao povo amigo que enchia o Coliseu. Apresentou-a ao seu colo, pois só pesava treze quilos e já tinha treze anos.

Cresceu. Ficou bonita. Só não recuperou a vista — ficou cega. Inteligente e dedicada — era ela — por vezes, que guiava os doentes por entre os pavilhões da aldeia.

Lembro que um dia a Adelaide lhe perguntou se fazia alguma ideia de como seria

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

BEIRE – O abraço do assinante 26833 Um admirador

A carta chegou com data de 30.08.16. Em P. S. diz-nos que “leio O GAIATO desde os 18 anos e tenho 85”. Tive acesso a ela por deferência do Padre Baptista, em Paço de Sousa. Ao mostrar-ma, comentei: — *Isto merecia um artigo no jornal...* — Respondi: — *Escreva isso, escreva isso. Este tema, nas suas mãos, pode ser que... Há tanta gente com saudades dos seus artigos!...* — O não que logo se lhe saiu, faz-me lembrar um sms dele, em momentos de bom humor: “Ao meu primo J. Baptista cortaram-lhe a cabeça; a mim, cortaram-me o pio...”.

Penso que quis mostrar-me aquela carta como quem toma um lenitivo para tanta dor de se ver assim ostracizado por uma apressada e mal controlada Lei do Ministério Público, depois de 60 anos de doação incondicional aos “últimos”. Esses que, por falta de verba e/ou por falta de pessoal, nunca têm um lugar na estalagem duma IPSS ou duma instituição da Segurança Social. Que sempre nos diz defender a lei que protege os indefesos...

Voltei a Beire com a carta a moer cá dentro. Em certo momento não remoi mais. Enviei-lhe um sms que rezava assim: “Vim a pensar na sua carta do Senhor Coração... Pitece-me: Se não escreve o Pe Baptista, escrevo eu... Kêkaxa ?” E a resposta aparece, depois, num envelope de contas para pagar. No meio da papelada, sem qualquer referência à nossa conversa, vem a carta, ainda em folha de papel azul esverdeado e de 25 linhas... Estremeci. Aquele final com “o mais fraterno dos abraços” tocou-me fundo. Ainda há muitos justos a impedir a destruição de Sodoma e Gomorra... Mas vamos à carta:

«Senhor Coração — Padre Baptista. Só a doença me impediu de gritar — Presente! —, quando começaram a criticá-lo. Há um ditado que diz os cães ladram e a caravana passa.

O que sabem esses ‘doutorecos’ do que é dar de comer na boca a quem se baba, limpar-lhes a porcaria e atender a todas as necessidades daqueles que não tiveram culpa de terem nascido com problemas e de terem sido abandonados.

O Calvário da Casa do Gaiato tem sido e continua a ser o seu Calvário. Nós, a legião que o apoia, estamos e estaremos aqui para ajudar a segurar o leme quando a tempestade for mais violenta».

Hoje é 2ª-feira da 23ª semana do tempo comum — na liturgia da Igreja Católica. O evangelho de Lc 6, 6,11, liga bem com o de sábado pp, Lc 6, 1,5. Quezílias dos “doutores da Lei”... Porque, à luz da sua miopia mental, nem Jesus nem os seus discípulos “respeitavam” capazmente a “lei do sábado” — lavar as mãos, não mexer na enxerga... Ambas as passagens são uma denúncia dos abusos da Lei e um desafio a PRO+seguir nos Caminhos Abertos por Jesus. Sim, porque sempre haverá que respeitar a Lei (ela pode ser a ‘Lei de Deus’ ao serviço dos homens por Ele amados. E Jesus cumpria-a). Mas há que, sobretudo, não deixar que os “senhores doutores” se sirvam da Lei de Deus para oprimir os filhos de Deus, explorar os mais fracos... Daí a necessidade, sentida por Jesus, de implantar o Reino de Deus. Isto é, em linguagem do nosso tempo, lutar por uma sociedade onde Deus reine. Dito de outra maneira: uma sociedade onde as Leis (com seus sábados e quejandos...) sejam para os homens e nunca mais um título de exploração e de opressão do homem, como in illo tempore...

Hoje o nome de Deus pode aparecer escondido sob a forma de “direitos humanos” e/ou de “obras humanas” (também ditas de “segurança social”...). Mas nem sempre cuidamos de que esses “direitos do homem” e/ou essa “segurança social” sejam mesmo humanos e humanizadores. Porque respeitadoras do Homem Integral. Que sempre é portador d’O ESSENCIAL DO SER HUMANO — essa “subjectividade” que caracteriza cada pessoa, cada indivíduo. Isso que, em cada um, merece e precisa mesmo de ser acolhido e respeitado. Obras Humanas em que O ESSENCIAL DO SER HUMANO é culto, é cultura e é cultivo... Sem nos ficarmos no reduzido homo animalis, para quem a qualidade de vida é só o bem estar material. Porque o humano para ser Humano Mesmo tem de ter o “sabor divino”... Essa “coisa” que todos sentimos clamar cá dentro e de que sempre falava Pai Américo, como temos andado a ver. (ver O GAIATO, n.º 1888 a 1891, em crónicas de Beire).

Mas, agora, vamos deixar para o pf n.º d’O GAIATO esta variável do tema dos “doutorecos” de que fala esta carta do assinante 26833... Porque ainda estão vivos e de muita saúde os letrados, os fariseus e outros doutores da lei, que espiavam Jesus e seus discípulos e de quem o evangelho ds Lucas, capítulo 6, nos fala tão abertamente. Todos, de boa fé (muitas vezes...), porque, se deixam os doentes a apodrecer nas enxergas (...), é sempre pelo respeito devido às tão sagradas leis que defendem os direitos do homem abstracto... Mesmo quando, em nome da lei, é preciso deixar o homem real abandonado na valeta... Porque não há verba... Porque não temos pessoal para esses casos... □

PENSAMENTO

Pai Américo

Eu acredito na acção directa e imediata do Espírito Santo, sobre as almas de boa vontade. Na Obra da Rua está empenhado o Sangue do Redentor.

in O Gaiato, n.º 184, 03-Mar.-1951, p 1

MIRANDA DO CORVO Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — No Outono, as noites são mais frescas e as folhas das árvores sempre a cair, pelo que temos de ir varrendo os nossos átrios e arruamentos. Continuámos a apanhar as espigas da nossa cultura de milho grão, na terra dos grilos (campinho), junto ao ribeiro, a nascente. Desenvolveu-se bem e está a dar uma boa colheita. Como choveu em meados de Setembro, desfolhámos já uma parte das espigas, em ambiente de alegria! Na nossa horta, as culturas de tomateiros e de melancias produziram bem. Para as saladas e a sobremesa, é bom comer os nossos frutos biológicos. Os nossos jardins exigem sempre cuida-

dos, como o corte da relva e das sebes, para se manterem bonitos.

ESTUDO E ESCOLAS — Tendo começado o ano lectivo para todos os Rapazes da nossa Casa, nas várias Escolas desta zona, neste ano escolar há um esforço maior para os ir buscar, o que obriga à deslocação diária de três veículos. Todos os Rapazes tiveram a sua mochila, preparada com os manuais para as disciplinas e o necessário material escolar, uma parte da partilha dos nossos amigos, o que agradecemos. Cada Rapaz tem a sua secretária para estudar, no nosso Centro de Estudo, e acompanhamento

pelos nossos professores destacados, até às 19:30 horas (hora do Terço). Um bom ano lectivo 2016/17 para todos os estudantes!

QUARTOS — Como é natural, vamos crescendo e alguns Rapazes já estão altos, pois comemos bem e temos actividade física regular. Então, teve de haver mudanças de quartos para vários, da casa-Mãe para o primeiro andar e daí para o rés-do-chão e o edifício do Lar. Os miúdos deitam-se mais cedo (21h). A noite, como sabemos, é para descansar, pois às 7:30 horas temos todos de estar no refeitório para rezar a oração da manhã e o pequeno-almoço, antes da sair às 8 horas para as escolas. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

POMAR — Estamos a fazer um novo galinheiro no nosso pomar, para que o espaço seja maior e mais seguro, para evitar que os animais que atacam durante a noite, não possam lá entrar. Apareceram muitas aves mortas sem podermos fazer nada. É muito triste ver as aves morrerem desse jeito.

VINDIMA — Já fizemos a nossa vindima que este ano deu poucas uvas. Como choveu muito na Primavera, as videiras desenvolveram poucos cachos de uvas. Os Rapazes que estavam disponíveis fizeram a vindima, enquanto que os mais novos estavam na escola. Também deram o seu apoio os nossos das oficinas, para que pudéssemos

entregar as uvas na adega dentro dos prazos.

BOLETIM — Vai sair junto com esta edição do Jornal O GAIATO, mais um Boletim AMA. É o número 12, e vai no terceiro ano da sua publicação. O Boletim é feito na nossa tipografia, e depois intercalado no jornal pelos nossos Rapazes. Nele vêm publicados testemunhos sobre graças obtidas por intercessão do nosso querido Pai Américo e textos da sua autoria.

SILAGEM — Já começamos com a ensilagem do milho, que será para alimentar o nosso gado. O «Meno», com a máquina de ensilar acoplada ao tractor,

encarregou-se de cortar o milho e encher os reboques, que depois foram descarregados no silo. Os Rapazes ali situados, espalharam o milho no silo e adicionaram sal. Por fim, a silagem foi calcada e, no fim, coberta com um plástico para a proteger.

BIBLIOTECA — O nosso estudo já começou a ser feito na nossa biblioteca. Os Rapazes estudam diariamente, à noite, depois do jantar, tendo um bom ambiente de estudo na biblioteca. Têm também à disposição livros de várias especialidades, que podem consultar. Temos tido pessoas Amigas que nos vão oferecendo livros, que vão enriquecendo a nossa biblioteca. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DE ÁFRICA

João Evangelista

Mais uma vez o nosso encontro mostrou que com paz, harmonia e enteadura fazemos da melhor maneira tudo o que nos vai na mente.

Este ano, salientamos a presença do nosso Padre Manuel António, da Casa do Gaiato de Benguela, que celebrou e comungou connosco a Santa Eucaristia, na pequena, mas grande, capelinha da casa de férias de Azurara. Lembramos os já falecidos e os que não puderam estar presentes.

O Azevedo brindou-nos, mais uma vez, com a sua presença, seguindo quase de imediato para o Brasil com a promessa de «se tudo correr bem,

volto para o ano. Vós tratai-me bem».

O jantar, preparado pela Telma, filha do Tavares, estava ótimo. Todos satisfeitos, conversamos e convivemos momentos da nossa vida, que jamais serão esquecidos. Como alguém dizia: «Que bom estes encontros, estarmos juntos». A noite já ia longa e com ela o silêncio para o descanso merecido, só interrompido pela manhã com a preparação do pequeno-almoço: pão com manteiga, café e leite para compor os estômagos.

Uma fuga à praia e um passeio à beira-mar sempre com o tema: rever os tempos passados, pensando nos

actuais, onde a ciência e as novas tecnologias ocupam lugar de destaque.

Ao meio-dia, reunimos para escolher os responsáveis para o próximo ano, que será na nossa casa de férias de Setúbal, no Portinho da Arrábida. Devido às poucas presenças do Sul, o Falcão e o Tomás tomarão a seu cargo todos os requisitos necessários.

O almoço — uma saborosa jardineira — foi o ponto final do nosso encontro, onde a alegria que todos sentimos ficou bem patente nos rostos de cada família presente. As saudades de alguns... Até ao próximo ano. □

MOÇAMBIQUE

Quitéria Torres

O Evangelho de hoje nos convida a um desafio: “Servir a Deus ou ao dinheiro”. O justo e o injusto. Como servir a Deus num mundo onde predomina o poder, o ser e o ter? É preciso entender o que Deus nos pede a cada dia. Estamos perante interesses que só os sábios aos olhos de Deus são capazes de ver.

O nosso povo vive dias de grande amargura. A luta dos homens impede que os mesmos sintam o sofrimento dos mais pobres ao seu redor. A desvalorização do metical, a seca e a instabilidade política têm levado muitas pessoas ao desespero. Na nossa Casa, todos os dias falamos aos rapazes da justiça. Na reflexão diária, procuramos despertar a consciência para os valores morais e a responsabilidade perante aqueles que de coração aberto nos apoiam. Que aproveitem a oportunidade que têm para construir um futuro digno.

Os nossos rapazes mais velhos, procuram formas de ultrapassar as dificuldades e perante a falta de emprego, lutam, fazendo tudo o que aparece para garantir o seu sustento. Diariamente

aparecem novos casos. Muitos deles só Deus sabe como podemos ajudá-los.

Na semana passada chegou à nossa Casa o Sebastião. O Sebastião tem 9 anos e vive na rua desde os 5 anos. A sua mãe faleceu e o seu pai abandonou-o. Tem tios e avós, mas ninguém quer saber dele. Veio a pé de Maputo até à nossa Casa (60 km). Ouviu falar da Casa do Gaiato e corajosamente veio ao nosso encontro. Convencido que aqui era o seu lugar. Depois de ouvir a sua história, tivemos que chamar à responsabilidade a família. Foi acompanhado até a casa e lá encontramos a tia, a avó e o pai. Pedimos que o mesmo ficasse em casa e que o pai e a tia deveriam vir à Casa do Gaiato para esclarecer a situação da criança. O rapaz chorava amargamente perante a família, parecia estar no meio de leões que iriam devorá-lo e repetia: “não me deixa aqui, não me deixa aqui!”. Cena muito triste, mas tivemos que deixar o Sebastião e aguardar com paciência a hora de acudir o pobre rapaz.

Enquanto as leis de protecção de menores aumentam e as pessoas responsáveis passam o seu tempo a pen-

sar em burocracias, agravado pelo ambiente que se vive actualmente, os problemas da sociedade ficam de lado e os mais fracos são as crianças.

Estamos conscientes que o ideal para toda criança é viver numa família, ao lado do seu pai e da sua mãe. Os nossos, por alguma razão foram privados desta família biológica, mas Deus colocou nas suas vidas um pai, mãe, tios e irmãos do coração. Uma família onde o amor reina a cada momento. Que bom seria se neste consolo de ser filho de coração os traumas da família biológica desaparecessem. O difícil é que o ser humano muitas vezes não consegue perceber e continua na escuridão, à procura de uma explicação de um passado que só lhe traz angústia.

Tem sido assim nestes 25 anos. Gostaríamos que esta Casa tivesse menos rapazes e que pudéssemos dedicar mais tempo aos mesmos. A realidade é diferente daquela que pensamos. A nossa luta diária tem sido marcada pela coragem em dizer “sim” quando Deus nos pede e “não” quando é preciso. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

POBRES “SÃO A MAIS SANTA DAS PORTAS SANTAS” — O título desta crónica é o mesmo do da intervenção do Pe. José Tolentino de Mendonça no Encontro de Assis que teve lugar no passado dia 19 de Setembro e que o Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura teve a boa ideia de divulgar, na sua versão portuguesa.

Feita esta referência a um texto que vale a pena ser lido, a intenção da utilização deste título é para trazer aqui a questão da grande dose de misericórdia que é preciso ter-se no trabalho com os pobres. Os pobres, como seres humanos que são, têm, muitas vezes, comportamentos que, em vez de os ajudarem a sair da situação em que se encontram, agravam mais essa situação.

Não estamos aqui a dizer o que, por vezes, se ouve por aí a este respeito, ou seja, ditos como o seguinte: “Se são pobres, é por culpa deles.” Não estamos aqui a julgar, nem temos nenhum direito de julgar. Também os factores que contribuem para as situações de

pobreza e para a sua recorrência estão longe de se resumir a comportamentos individuais. Dito isto, também não nos podemos abstrair dos comportamentos de cada pessoa que se encontra numa situação de pobreza, porque é com cada uma delas, na sua individualidade, que estamos a lidar, se é que a nossa acção nesta área é no terreno e não fora dele.

Ora, quando os comportamentos das pessoas em situação de pobreza com as quais lidamos agravam e não ajudam a que saiam dessa situação, o que é que devemos fazer? Abandoná-los à sua sorte? Deixá-los morrer numa valeta? Foi isso que Deus fez quando a sua criatura chamada “ser humano” se comportou de uma forma contrária aos bons planos que Ele tinha para ela? Foi isso que Deus fez mesmo depois de ter enviado à terra dos humanos o Seu próprio Filho e depois dos humanos O terem tratado da forma que nós sabemos?

Deus nunca desistiu, nem vai desistir dos humanos, por mais

pecadores que eles sejam. Por isso, nunca deveremos desistir das pessoas pobres, por mais comportamentos que elas possam ter que agravem e não ajudem a que saiam das situações de pobreza em que se encontram.

Obviamente, isto não quer dizer que apoiemos esses comportamentos e que façamos como se nada fosse. Não é isso, que se está aqui a querer dizer é que, nessas situações, temos que ter a misericórdia que Deus nos pede para termos, tal como Ele a tem em permanência conosco, e, depois, nunca desistir de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que as pessoas pobres com quem lidamos não repitam os comportamentos que as prejudicam e que ultrapassem as más consequências que isso tem para elas. Isto é muitíssimo mais difícil do que só dar-lhes dinheiro, ou outros bens materiais de que possam estar a precisar, mas é o caminho que temos que seguir, a “porta santa”... e estreita que temos que passar. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Ar puro

HÁ muitas décadas que aquele senhor doutor vem a esta Casa repartir os seus honorários.

— *Então senhor doutor, por cá outra vez?!...*

— *Sim, preciso tanto do ar desta Casa, aqui respira-se ar puro.*

Ele referia-se à singeleza da nossa vida, ao ambiente belo que nos rodeia, à pureza na educação dos rapazes, ao alheamento do Estado e, sobretudo, à Presença Sensível do Sobrenatural.

Padre Américo também apreciou esta pureza que o animava e, por isso, chamou às Casas do Gaiato *Santuário de Almas*, e também eu não me canso de dar graças a Deus por me ter chamado a este ar puro!

Desta vez trouxe-me um cheque de 1500€. — *Foi uma questão ganha por ter encontrado gente de palavra, gente de carácter! Então pensei: — Isto não é meu, vai para*

tal parte. — Sim também este doutor purifica o nosso ar.

Rega fixa

A rega dos nossos terrenos tem sido feita com máquinas que enrolam um tubo de plástico de duas polegadas de diâmetro na extensão de 200 metros e, automaticamente o desenrolam conduzindo a água e espalhando — a em esguichos, numa largura de mais ou menos 20 metros.

A máquina tem de ser mudada por um tractor, logo que acabe aquele talhão, para começar outro, exigindo também um caminho de largura de quatro carreiras de milho, o qual, por isso, fica inculto.

Estes engenhos deixaram de se fabricar. Há falta de peças e hoje pouca gente as usa. Dada a posição dos nossos terrenos e a sua exiguidade, a melhor alternativa, a mais usual e a mais moderna é

fixar condutas a um metro de profundidade, distanciando-as umas das outras dezoito metros, as quais fazem subir a água através dos espalhadores de forma que a pressão da bomba que suga a água do furo e a empurra pelos tubos a faça espargir em gotículas parecidas com a chuva miudinha que mansamente nos cai do céu.

A rega é feita por secções repartidas por torneiras para o que basta abrir uma torneira, ligar a bomba que chupa a água, para que um hectare de terreno seja regado numa hora.

Não há mais tractores a gastar gasóleo nem pessoas a mudar as máquinas, nem caminhos a desperdiçar terrenos de cultivo sem milho e a encherem-se de erva etc.. Aproveitamos a nossa retro-escavadora e o Fernando, com ela, abre as valas e as tapa, poupando-nos muito dinheiro e assim resolvemos o problema que nos aflige todos os verões. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Lemos, Reitor da mesma freguesia, compareceram os contrahentes Ramiro Monteiro d'Aguiar e Dona Thereza Ferreira Rodrigues os quaes conheço serem os proprios com dispença de proclamas, pelo Excellentissimo Senhor Bispo da Diocese e com os mais papeis do estylo correntes, e sem constar de impedimento canonico ou civil para este Matrimonio; e elle de idade de vinte e cinco anos, solteiro, proprietario, baptisado na freguezia de São Thiago de Cernedello, Concelho de Louzada, Diocese de Braga, natural da freguesia de Lagares, d'este Concelho e Diocese baptisado digo e residente no logar do Bairro freguezia de Gallegos, reconhecido por filho de José Monteiro d'Aguiar natural da freguezia de Lagares, e ella de vinte e seis annos, solteira, lavradeira natural desta freguezia de Paço de Souza baptisada na mesma e

residente no logar de Antelagar, d'esta freguezia, filha legítima d'Antonio Joaquim Ferreira Coelho natural desta freguezia e de Dona Lourença Rodrigues natural desta freguezia, os quaes contrahentes se receberam em face da Igreja por palavras de presente e os uni em Matrimonio, em seguida lhes dei as Benções Nupciaes, procedendo em todo este acto conforme o que ordena o Sagrado Concílio Tridentino e Constituição Diocezana; sendo testemunhas presentes Francisco Thomáz Pereira, solteiro, professor d'ensino primário, e João Thomáz Pereira, cazado, lavrador, ambos moradores no logar de Santa Luzia, d'esta freguezia, os quaes todos sei serem os proprios.

E para constar se lavrou em duplicado este assento que depois de lido e conferido perante os ditos conjuges e testemunhas, commigo o assignaram era ut supra.

Os nobentes Ramiro Monteiro d'Aguiar

*Thereza Ferreira Rodrigues
As testemunhas Francisco Thomaz Pereira
João Thomaz Pereira
O Reitor Antonio Augusto de Lemos.*

Os pais do Padre Américo permaneceram unidos 40 anos, criando uma prole de oito filhos, pois aos 66 anos (a 12-XII-1913) D. Teresa partiu cedo deste mundo e não teve a grande alegria de beijar as mãos unidas do seu benjamim Amériquinho (por quem tanto intercedera!), na mesma Igreja onde foi recebida pelo senhor Ramiro e na qual Padre Américo! celebrou Missa Nova, em 5 de Agosto de 1929, tendo sido ordenado a 28 de Julho, em Coimbra. Seu pai, homem culto, foi para a casa do Pai celeste oito anos depois da esposa (a 5 de Agosto de 1921), também não testemunhando esse acontecimento, que afinal confirmou o sonho do seu filho mais novo em *ser grande*, no amor

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

mente, a pobre vinha ainda cheia de nódoas negras. A outra, que lhe acudiu, também levou.

Fugiram de casa e tentaram alugar outra na margem de cima do Tejo, junto de São Vicente em Lisboa, perto do trabalho de ambas e onde o agessor não as descobrisse.

O relato foi longo, muito longo para ser escrito aqui. Os bebés mexiam-se e a chorar davam cabo de mim.

— *Há dois dias que não lhes damos banho, pois já dormimos duas noites no carro* —, esclareceram.

Como saber a verdade desta tragédia? Como?

— *Vocês foram ter com algum padre?*

— *Fomos ter com dois e ambos nos disseram que não podiam ajudar.*

— *Mas então como vieram aqui?*

— *Foi uma senhora chamada Conceição que nos mandou vir ter consigo, depois de nos dar de comer.*

— *E a casa que pretendem alugar, onde fica?*

Mostraram-me um papel escrito à mão a dizer que alugavam um andar por 400€ exigindo o pagamento da caução e do primeiro mês. Falei com a senhoria, por telefone, ela foi inflexível aos meus lamentos. — *Tenho muito quem me alugue a casa. Só a guardo até amanhã, se essas senhoras me trouxerem o dinheiro.*

Mais frio! Mais confusão! Mais dor!

Olhar para as mulheres, ouvir os gemidos das inquietas crianças, tentando uma saída para aquela complicação toda, passei assim mais de uma hora sem me determinar. Como irei dormir esta noite com um desafio destes?

Lembrei-me de uma recomendação do Bispo de Aveiro, quando era meu Reitor no Seminário de Coimbra: «*Prefiro ser enganado, do que alguma vez deixar de socorrer uma aflição que se me apresente.*».

Pronto. Iluminou-se-me a alma. Passei um cheque endossada à senhoria no valor de 800€, mas a tremer, era muito dinheiro!...

A senhora da Casa do Gaiato, que me guardou durante todo este tempo, indecisa e aflita, diz-me de chofre, quando a encarei e adverti para me esperar sem ter ido dormir: — *Olhe que estava lá um homem à espera delas, escondido entre os latões do lixo e entrou no carro quando elas passavam.*

Imediatamente, com um terrível presentimento, saí, peguei no carro da Casa do Gaiato e pus-me no encalço delas. A pouco mais de 500 metros já as tinha ultrapassado tentando impedir-lhes o caminho. Elas esgueiraram-se pela minha direita, passando pela valeta da estrada.

De novo as ultrapassei, parando no semáforo vermelho. Saí do meu carro, dirigi-me a elas, vendo bem se encontrava algum homem.

Que alívio!... Nada. Só as infelizes e as crianças!

— *Porque fugiram de mim?*

— *Ó senhor, pensei que fosse meu marido e pus-me logo a tremer. Não conhecemos o seu carro. Pensei que fosse ele noutro, disfarçadamente.*

Entendi. Sosseguei e bendisse a Deus!

— *Vão com Deus! Foi a minha suavizada despedida.*

Uma alegria imensa me inundava a alma. Valer a tão grave situação, sabe melhor que tudo que há no mundo.

Já na cama pensava comigo: será verdade que elas bateram à porta de dois sacerdotes? Será? Não sei. É capaz de ser fantasia das desgraçadas! Mas se foi? Como irão eles amanhã celebrar a Santa Missa.

São capazes de nem acordarem para tão grande omissão.

Se não podiam, afligiam-se e procuravam soluções. O *Património* era uma delas. Então e as igrejas não tinham... e eles não sobem ao púlpito através do microfone para falar ao povo de Deus a quem dirigem? Primeiro davam do deles que o povo Eucarístico os compensaria, como sempre! □

ao próximo por amor de Deus!

O Papa Francisco, na linha dos seus predecessores e na sequência de dois sínodos sobre a família, publicou a Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia — Alegria do Amor*, em 8 de Abril de 2016, concluindo que *a espiritualidade matrimonial é uma espiritualidade do vínculo habitado pelo amor divino* (AL 315). Apresenta com beleza a doutrina

sacramental da Igreja e incentiva à ajuda misericordiosa aos que falharam. Neste tempo, com sinais de desintegração social, é fundamental salientar a importância da riqueza do Matrimónio e da Família cristã. Assim, em virtude desse sacramento, cada família torna-se um bem para a Igreja e para a sociedade. *O matrimónio é o ícone do amor de Deus por nós* (AL 121). □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21350

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

VINDE VER!

Padre Quim

Andar bem acompanhados

NO meio deste mundo de necessidades e ocupações de hora em hora, é urgente transcender, subir, elevar-se para além das preocupações que nos são impostas pelas circunstâncias da pobre existência humana. A maior de toda a elevação neste sentido refere-se àquela que se volta para socorrer os mais pobres e necessitados que conosco fazem a mesma peregrinação.

A criança é o centro das nossas ocupações, e quanto mais pobre e repelente for, ela é mais nossa. E o milagre acontece no dia-a-dia pela transformação do pequenino farrapão das ruas, com simples métodos de vida, num homem de bem: pão e amor, sol e carinho. Justiça e mais justiça na vida de Casa em todos os seus momentos em família: no trabalho, na oração diária, no Sacramento do Altar, no cuidado dos animais e do campo, nas festas, no desporto, no recreio e no descanso merecido depois do desgaste saudável debaixo do sol, constitui a cura dos traumatizantes acontecimentos que se deram em suas vidas.

Andar bem acompanhado é uma chuva de bênçãos vinda do Alto, é um conforto brindado pela amizade verdadeira. Poucas pessoas têm este privilégio nos caminhos que trilham. Os nossos rapazes vão sozinhos para a escola depois do nono ano, ninguém

os espia depois do portão, vai com eles a consciência a quem não devem enganar, podendo-o fazer. As boas companhias são as nossas auxiliares no processo educativo. Os pais sabem que um bom amigo para o seu filho é um bom continuador da socialização do bem. As más companhias são responsáveis pela perda de muitos homens e mulheres, que deixaram de seguir o bom caminho. Quem anda sozinho deve andar em comunhão com o bem, para não estragar a boa sementeira que foi feita na sua vida.

A professora do «Zé Maria» mandou-me chamar pelo próprio. O assunto era o comportamento. A pessoa é conhecida pelo modo como manifesta as suas reacções frente aos estímulos, vindos do meio que a envolve, segundo o postulado no Behaviourismo (E-R), estímulo resposta.

Não me cansarei de dizer que a Obra da Rua ou Obra do Padre Américo é um sinal de esperança, é um sinal de amor, é um sinal de que afinal nem tudo está perdido, há alguém que vela pelos pobres, que se interessa pelos pobres. Acompanha-os, devolve-lhes a esperança que o mundo lhes tinha roubado. E a certeza de que não estão sós pelos caminhos. A conclusão é de Pai Américo: «O ambiente familiar transforma e convence estes pequeninos sem família». □

SINAIS

Padre Telmo

Continuação da página 1

o céu. *O céu* — respondeu — *deve ser uma coisa assim como este café bem quentinho...* no momento nós a tínhamos convidado a tomar café.

Hoje é uma Senhora. Participa, todos os dias na Eucaristia.

Está sempre muito atenta e carinhosa para as suas companheiras mais carenciadas.

Ela é um sinal de vitalidade e contraponto de tanta alevosia.

O Chico não ouve, não vê e mal fala. Come muito bem.

Não espera que o levemos a cama ele vai e faz tudo bem.

Às vezes não acerta com o buraco da

sanita... mas, certo, a senhora de serviço está muito atenta e é eficiente.

Há dias, quando lhe dava a sopa, desata a chamar pela Barbara... ela é auxiliar na secção das mulheres e acode quando é necessário.

O António, paraplégico, gosta de cantar. Canta as canções da sua mocidade com emoção e as vezes, lágrimas.

Dá amizade a quem lhe dá amizade... aberta com força a nossa mão e na medida de força de seus braços nos abraça.

Não conseguimos sair do pavilhão, eu e doutor Abel, sem que ele dê o seu sinal nos vidros.

Um dos fados que ele canta, diz-nos do amor e saudade da sua juventude. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Testemunhos maravilhosos

ESTIVERAM conosco, na nossa Casa do Gaiato de Benguela, durante cerca de dois meses, um grupo de 6 jovens universitários pertencentes ao projecto do voluntariado GRÃO. Foram, na verdade, dias maravilhosos para o enriquecimento humano e espiritual dos filhos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. O próprio grupo fala, de seguida, da sua identidade e da sua acção, enquanto viveram conosco, ao jeito de membros da nossa Família.

«O Grão é um projecto missionário, de inspiração jesuíta, com sede no Porto, no Centro de Reflexão e Encontro Universitário de Inácio de Loyola (CREU-IL). Este projecto capacita jovens universitários para missões de educação para o desenvolvimento, de curta duração, em PALOP's. Em 2016, partiram duas missões para Moçambique e, pelo 4º ano consecutivo, uma missão para Angola, Benguela. A missão de Benguela contou com 6 missionários e colaborou com os Leigos para o Desenvolvimento e com a Casa do Gaiato de Benguela,

onde ficaram hospedados durante 2 meses.

No dia 27 de Julho, embarcámos naquela que foi, até agora, a maior aventura das nossas vidas. Prontos a dar-nos por completo, fomos recebidos pelos sorrisos calorosos dos rapazes da Casa do Gaiato e pelos braços abertos do Padre Quim e do José Luís. O período de missão, que passámos na companhia destes meninos, representou para nós, nas mais variadas actividades que desenvolvemos e nos mais variados momentos que partilhámos com eles, um enorme desafio. Sentíamos receio de não estar a experienciar ou deixar experienciar estes momentos que a cada dia que ia passando e, agora ainda mais que já saímos da Casa do Gaiato, nos pareciam tão preciosos. Foi no acompanhamento do estudo, na partilha das orações, nos passeios, nos momentos de formação e nas pequenas conversas que fomos tendo, ao longo dos dois meses, que nos entregámos e que semeámos as nossas sementes. Aprecemo-nos que o nosso trabalho vai muito para além das

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

ENTRAREMOS, neste mês de Outubro, no ano que nos levará aos 130 anos do nascimento de Pai Américo, que se completarão a 23 do mesmo mês de 2017.

De Pai Américo, como alicerce fundamental da nossa Obra, temos sempre que fazer memória, como luz que se acende e alumia os caminhos da nossa vida.

Ao contrário de cultivarmos a sua pessoa, queremos cultivar Aquele que ele seguiu e por Quem deu todos os passos da sua vida sacerdotal, e também actualizar os frutos da sua vida por acção do Espírito que o enviou: «O Padre Américo é um impelido!», dizia de si mesmo.

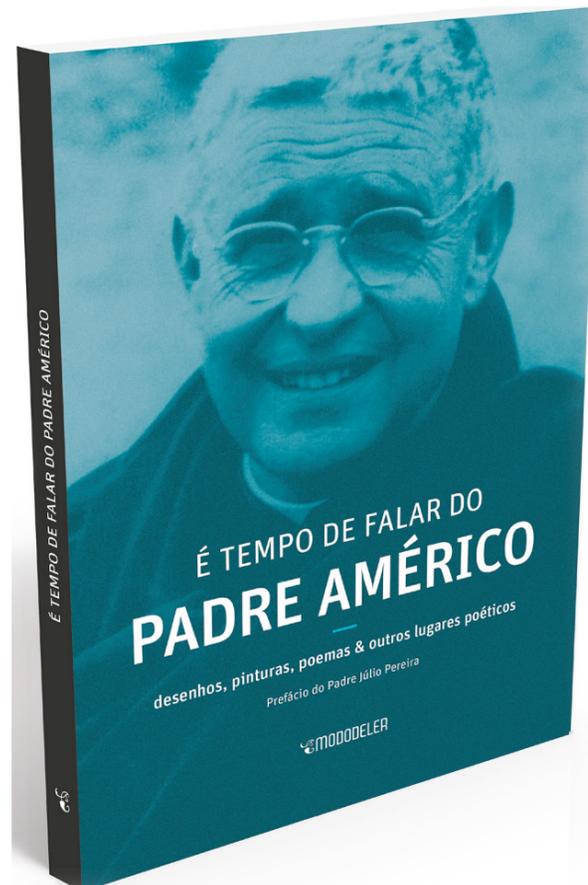
Voltando ao que queremos fazer, para o fazer chegar a muitos que procuram conhecê-lo melhor ou não o conhecem, temos em vista algumas iniciativas, nossas ou de Amigos.

Assim, já no próximo dia 22 deste mês Outubro, na véspera do seu 129º aniversário de nascimento, será apresentado/lançado um livro da iniciativa da Editora Modo de Ler, na pessoa do nosso muito Amigo senhor José da Cruz Santos, com o título «É tempo de falar do Padre Américo». Nele se incluem «desenhos, pinturas, poemas & outros lugares poéticos», como refere o Editor, pela participação de sete dezenas de colaboradores.

O local onde se desenrolará este acontecimento será a Praça da República do Porto, junto à estátua do nosso Pai Américo.

Também o Museu/Memorial a ele dedicado e à Obra da Rua, que queremos abrir/inaugurar à data dos 130 anos do seu nascimento, em 23 de Outubro de 2017, continua a ser preparado no edifício das Escolas da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Aproveitamos para sensibilizar os nossos Amigos que possuam algum objecto que tenha pertencido a Pai Américo, ou a ele ou à Obra da Rua seja referido, que muito gostaríamos que o pudessem ceder ou doar para expor neste espaço, o qual esperamos venha a ajudar a fomentar o espírito de admiração e contentamento pela Obra que Pai Américo construiu e que continuará a perdurar. Trata-se do amor ao Pobre, expresso em obras de caridade cristã: «A Mim o fareis».

São, para já, dois acontecimentos deste tempo celebrativo, que produzirão os seus frutos no tempo, aos quais se poderão vir a juntar outros, da nossa iniciativa ou dos nossos Amigos, para o que ficam desde já convidados. □



actividades planeadas, que os momentos entre as actividades foram essenciais para estreitar laços que são fundamentais para a transmissão daquilo a que nos propusemos. Recordamos, com muito carinho, a semana do Campo de Férias, em que descobrimos os potenciais de cada um dos rapazes com quem trabalhamos em equipa e vimos a alegria na sua forma mais pura. Já perto da nossa partida, o regresso do Padre Manuel e da Teresa permitiu-nos testemunhar mais dois exemplos de total entrega ao serviço e dedicação ao próximo. Em Benguela, aprendemos que missão não tem hora nem local marcado. Missão é ter atenção, olhar para os que estão à nossa volta e encontrar os pequenos tesouros escondidos. «Aqueles que passam por nós, não vão sós. Deixam um bocadinho de si e levam um bocadinho de nós». «Grão 2016».

Há uma verdade muito profunda que é o alicerce da vida humana feliz. Aquele que utiliza os bens deste mundo para ajudar os outros, sobretudo os pobres, adquire para si a única coisa que conta e que fica para sempre: a amizade dos pobres.

É, sem dúvida, uma verdade difícil de entender e, por isso, difícil de aceitar. A experiência daqueles que deixaram tudo para dar as suas vidas aos pobres confirma esta verdade. Os corações que ajudam a

nossa Casa do Gaiato mostram a sua alegria nas palavras que acompanham os seus donativos. Deste modo, a amizade dos pobres é um tesouro que fica para sempre. Vamos para a frente! Tenhamos todos coragem para ouvir a voz que nos diz: «Partilha os teus bens, ajuda os irmãos necessitados e não penses apenas nos teus interesses e em guardar tudo para ti». Há, na verdade, testemunhos maravilhosos dos corações cheios de generosidade.

A nossa Casa do Gaiato de Benguela não poderá sobreviver sem as ajudas que vão chegando, pouco a pouco. Deste modo, estão a ser salvos os filhos que, doutro modo, ficariam perdidos para sempre.

Há, porém, uma grande aflição a queimar o nosso coração. Temos uma quantidade muito grande de filhos que necessitam de meios para viver a sua autonomia, fora da Casa do Gaiato. A crise que estamos a viver da falta de empregos na sociedade é preocupante. Os que têm maior idade não podem ser mandados para a rua, porque não têm família, nem outros meios para sobreviverem dignamente. Por outro lado, estão a ocupar o lugar das crianças que batem à porta e não podem ser acolhidas, por falta de lugar. Vamos continuar com muita Esperança. Um beijinho dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela para todos vós. □